

Começa caça a cães doentes

PALAVRA DE ESPECIALISTA

CARLOS GROPEN

POBRES SÃO DESCARTADOS

Assim como inúmeras doenças que matam todos os dias adultos e crianças em países subdesenvolvidos, a leishmaniose é só mais um exemplo do descaso do poder público mundial e, mesmo da indústria farmacêutica, com muitos de nossos irmãos. Acomete pessoas de classes sociais mais baixas e países com menos recursos para investimentos cujos governantes, coincidentemente, estão entre os mais corruptos do mundo.

Pela lógica das grandes empresas, os lucros aos acionistas se sobrepõem a todo o resto. Seria correto gastar às vezes centenas de milhões de dólares em vacinas eficazes e novos remédios para doenças como leishmaniose, malária, febre amarela, doença de Chagas cujos portadores não podem pagar ou que os governos não podem ou não querem financiar? Pela lei do mercado, claro que não. Por isso temos o poder público que, em tese, regula a coexistência de fracos e fortes impondo limites, legislando impedindo que uma empresa seja tão somente uma máquina de produzir dividendos. Outra medida eficaz seria investir em pesquisa básica em universidades, cada vez menos assistidas, para que, no futuro, não tenhamos doenças como a leishmaniose.

As quimioterapias anti-câncer e a Aids constituem, por que não dizer, a "corrida do ouro" para as indústrias farmacêuticas, já que há um mercado certo, com clientes dispostos a pagar. A cada nova descoberta relevante, prenúncio de lucros astronômicos, as ações disparam e os acionistas enriquecem ainda mais. No campo governamental, investir em pesquisas contra a Aids é lucrativo. Investir em pesquisa universitária contra leishmaniose ou malária não gera grandes dividendos políticos, uma vez que o grau de amadurecimento do investimento é longo, extrapolando qualquer mandato.

Muito do sofrimento do mundo subdesenvolvido poderá um dia ser minimizado com bom senso dos poderes públicos em impor condições, ações menos populistas e mais efetivas dos órgãos internacionais, e menos ganância dos jovens executivos para que a nossa saúde não seja somente uma planilha de custos e receitas nas mãos da indústria farmacêutica e dos governos mundiais.

CARLOS GROPEN É MÉDICO E CONSULTOR DE SAÚDE DO CORREIO

GIZELLA RODRIGUES
E GUILHERME GOULART
DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Kleber Lima/CB



NO LUGAREJO ONDE VIVIA A GAROTA QUE MORREU DE LEISHMANIOSE, MORADORES CONVIVEM COM MUITO LIXO NA RUA: AMBIENTE IDEAL PARA A DOENÇA



ANIMAIS SERÃO RECOLHIDOS PELA ZONOSSES PARA EXAMES OU SACRÍFÍCIO

par da ação emergencial planejada pela Secretaria de Saúde. Paralelamente ao trabalho ambiental, está prevista a visita de agentes de saúde a todas as residências. Os moradores entrevistados que apresentarem algum sintoma da leishmaniose seguirão para atendimento no Hospital Regional de Sobradinho.

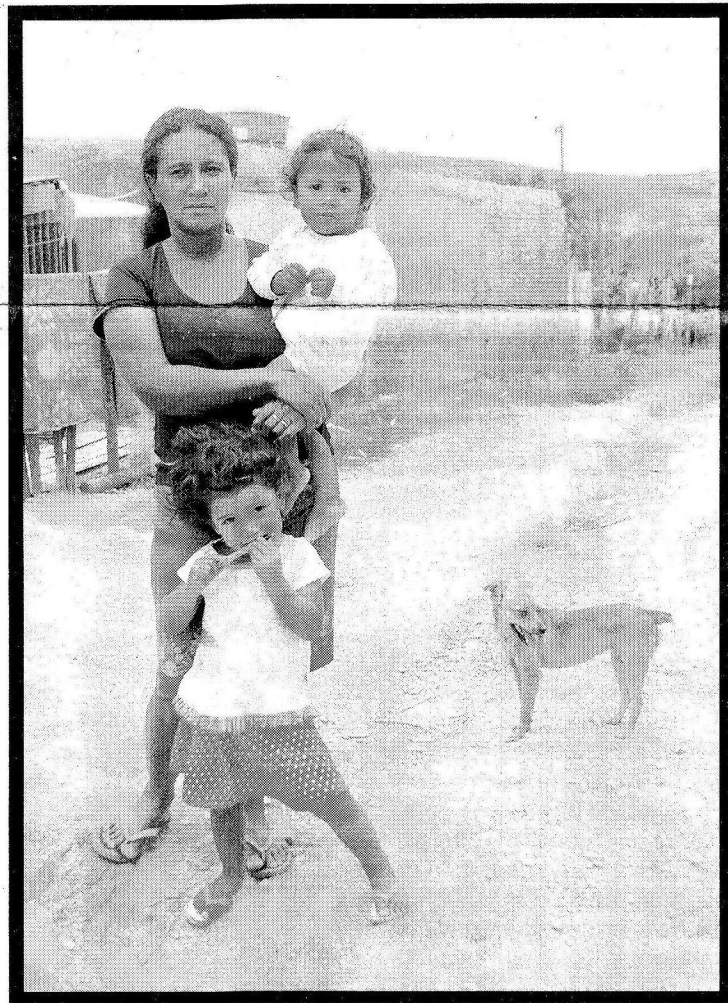
Autoridades desatentas

O infectologista Orlando Magno Fernandes Carvalho, mestrando da Universidade de Brasília (UnB) na área de imunologia, alerta para a importância de não concentrar as ações de combate à leishmaniose nos cães. Assim como os caninos, roedores e gambás também aparecem como reservatórios do protozoário Leishmania. "O cão é hospedeiro, mas acaba como o principal alvo por estar mais próximo do homem. É importante as prevenções se complementarem aos demais animais, que também carre-

gam o agente transmissor", explicou Carvalho, estudioso de leishmaniose há 10 anos.

O especialista, no entanto, critica a matança de cachorros doentes, prática adotada pela Secretaria de Saúde do DF desde setembro do ano passado. Cerca de 500 cães de várias áreas de Sobradinho II foram mortos depois que os agentes de saúde identificaram a contaminação pelo protozoário. A detecção da doença ocorreu a partir da análise do sangue de 2,5 mil animais. "Há tratamento para eles, mas é caro. O extermínio é preventivo, mas mais importante seria a conscientização das pessoas", sugeriu.

No caso da leishmaniose, o protozoário encontra melhores condições de vida em áreas carentes. A Vila Rabelo II é o típico exemplo de crescimento descontrolado das cidades. As casas, por exemplo, disputam espaço com o cerrado. E os moradores entram em contato frequente com



MÁRCIA TEME O CONVÍVIO DOS FILHOS COM OS CACHORROS DE VILA RABELO

males até então limitados ao habitat silvestre. "Tudo é consequência da desatenção das autoridades para a saúde da população e ao aumento desordenado da população. Assim, os problemas são maiores nas periferias", concluiu o aluno do Núcleo de Medicina Tropical da UnB.

Além de comum em países pobres ou em desenvolvimento, a leishmaniose se reforça com a falta de interesse da indústria farmacêutica em desenvolver novos medicamentos (leia Pala-

vra do Especialista). Assim como os demais países, o Brasil conta com três alternativas de tratamento. Duas delas, à base de antiparasitários e antibióticos, provocam efeitos colaterais graves nos pacientes. A terceira, também injetável e com uso de antibióticos, preserva o doente. Mas custa R\$ 7 mil. Só nos primeiros oito meses deste ano, o Ministério da Saúde gastou, via Sistema Único de Saúde (SUS), mais de R\$ 2 milhões em medicamentos para a enfermidade.

ALERTA

Quem suspeitar de um animal afetado por leishmaniose deve ligar para o telefone 3344-0784